



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/11/2018 a 06/12/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
30/11/2018	8,94	308,30	27,82	5,15	3,66
03/12/2018	9,05	312,10	28,31	5,15	3,71
04/12/2018	9,11	312,70	28,64	5,19	3,74
05/12/2018	9,13	311,90	28,57	5,14	3,74
06/12/2018	9,09	310,00	28,47	5,05	3,72
Média	9,06	311,00	28,36	5,14	3,71

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em -
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	80,00	-1,2
RS - Santa Rosa	80,00	0,0
RS - Ijuí	80,00	0,0
PR - Cascavel	78,00	+2,0
MT - Rondonópolis	70,50	+0,7
MS - Ponta Porã	75,00	0,0
GO - Rio Verde (CIF)	74,00	0,0
BA - Barreiras (CIF)	72,00	0,0
MILHO		
Argentina (FOB)**	169,00	+6,3
Paraguai (FOB)**	115,00	0,0
Paraguai (CIF)**	153,00	0,0
RS - Erechim	38,00	0,0
SC - Chapecó	37,00	0,0
PR - Cascavel	32,00	0,0
PR - Maringá	32,00	0,0
MT - Rondonópolis	24,00	-4,0
MS - Dourados	29,00	0,0
SP - Mogiana	36,00	0,0
SP - Campinas (CIF)	39,00	0,0
GO - Goiânia	30,00	0,0
MG - Uberlândia	34,50	+1,5
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	750,00	0,0
RS - Santa Rosa	750,00	0,0
PR - Maringá	900,00	+3,4
PR - Cascavel	850,00	-1,2

Período 05/12/2018

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 06/12/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	34,51	73,70	38,98

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
06/12/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	40,84
Feijão (saco 60 Kg)	139,42
Sorgo (saco 60 Kg)	27,19
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,14
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,18
Boi gordo (Kg vivo)*	4,89

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja na virada de novembro para dezembro, se elevaram, com o bushel, para o primeiro mês cotado, fechando em US\$ 9,09 na quinta-feira (06), após ter chegado a US\$ 9,13 na véspera. Uma semana antes o fechamento havia sido de US\$ 8,87. A média de novembro ficou em US\$ 8,77, contra US\$ 8,59 em outubro.

O grande motivo para este comportamento altista, que já vinha sendo precificado pelo mercado na semana anterior, foi o resultado da reunião entre os presidentes dos EUA e da China, ocorrida em Buenos Aires, no final de semana do 30/11 ao 02/12. A referida reunião deu um alento a um possível e futuro término do conflito comercial entre os dois países, iniciado ainda em março/18.

De fato, contatos telefônicos durante as semanas anteriores encaminharam alguns pontos discutidos pelos dois presidentes. Em síntese, embora os resultados sejam muito parciais, a reunião culminou com uma trégua na guerra comercial. Os EUA não irão impor tarifas de 25% sobre os US\$ 200 bilhões de produtos chineses a partir de 1º de janeiro, como anunciado anteriormente. Em troca, a China se comprometeu em comprar mais produtos estadunidenses, incluindo os agrícolas. Em um primeiro momento, o setor automotivo dos EUA foi privilegiado. A China deverá retomar as importações de soja estadunidense a partir de 1º de janeiro. Todavia, estamos falando de uma trégua, e não do término do conflito comercial. Neste sentido, não se sabe que volume os chineses irão importar dentro desta trégua. Ao mesmo tempo, as tarifas impostas anteriormente sobre os produtos chineses continuam existindo. Assim, temos muita coisa para acontecer nos próximos meses em torno deste tema.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o mercado está esperançoso com um possível final do conflito. Mesmo assim, as cotações da soja e derivados, no final desta semana, já deram sinais de esgotamento de suas altas, pelo menos por enquanto. Agora, o mercado irá monitorar o cumprimento do que foi acertado na trégua estabelecida em Buenos Aires.

Por outro lado, contrabalançou as altas o fato de que se registraram margens negativas de esmagamento de soja na China, as primeiras desde o início de agosto passado. As mesmas se deveriam à menor demanda de farelo de soja no país oriental devido aos casos de peste suína que atingiu seus plantéis.

Paralelamente, as exportações líquidas de soja estadunidense, no ano comercial 2018/19, somaram 628.800 toneladas na semana encerrada em 22/11. As mesmas ficaram 50% acima da média das quatro semanas anteriores. O maior comprador foi a Holanda, com 235.600 toneladas. O mercado esperava um volume total entre 400.000 e 850.000 toneladas.

Já as inspeções de exportação somaram 1,14 milhão de toneladas na semana encerrada em 29/11, contra uma expectativa do mercado em torno de 875.000 toneladas. No acumulado do ano comercial iniciado em 1º de setembro o volume atinge a 13,2 milhões de toneladas neste ano, contra 22,9 milhões no mesmo período do ano anterior.

Aqui no Brasil, mesmo com o câmbio permanecendo um pouco acima de R\$ 3,80 durante a semana e com cotações melhores em Chicago, os preços da soja pouco reagiram. Na prática, o recuo dos prêmios nos portos brasileiros, agora também sob efeito da trégua na guerra comercial entre EUA e China está na essência deste comportamento.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 73,70/saco, com ganho de apenas 39 centavos sobre a média da semana anterior. Por sua vez, os lotes se fixaram em R\$ 80,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 64,00/saco em Querência, Nova Xavantina e Canarana (MT) e R\$ 80,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 75,50 no centro e norte do Paraná; R\$ 73,00 em São Gabriel (MS); R\$ 72,00 em Goiatuba (GO); R\$ 71,00 em Uruçuí (PI); e R\$ 69,00/saco em Pedro Afonso (TO).

Neste momento, o mercado continua bastante lento no país, pois os preços recuaram e os produtores deixam de vender e/ou de realizar negócios futuros.

Quanto ao plantio da nova safra, o mesmo atingia a 95% da área nacional esperada, até o dia 30/11, contra 88% na média histórica. O mesmo estava concluído no Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. No Rio Grande do Sul ainda faltava semear 12% da área naquela data, em Santa Catarina 4%; na Bahia 3%; em São Paulo 1%; e nos demais Estados produtores não citados 28%.

Enfim, os prêmios nos portos brasileiros despencaram, fechando a semana entre US\$ 0,38 e US\$ 0,92/bushel. Ou seja, muito longe dos picos atingidos no auge da guerra comercial entre China e EUA, que ficaram ao redor de US\$ 2,50/bushel e até um pouco mais.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram igualmente nesta semana, sendo que o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (06) em US\$ 3,72/bushel, após US\$ 3,60 uma semana antes. A média de novembro ficou em US\$ 3,65, contra US\$ 3,68/bushel em outubro.

A trégua no litígio comercial entre EUA e China, definida no final da semana que passou, ajudou a dar um pouco de firmeza ao mercado do milho, embora o cereal não esteja diretamente atingido pelo caso. Igualmente ajudou às altas o fato de que as exportações líquidas de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 22/11, chegaram a 1,27 milhões de toneladas para 2018/19. Este volume é 70% superior à média das quatro últimas semanas. O maior importador foi a Coreia do Sul, com 327.900 toneladas. O mercado esperava um total exportado entre 600.000 e 900.000 toneladas.

A partir de agora o mercado espera o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o próximo dia 11/12. O mesmo deverá definir melhor o volume colhido nos EUA nesta sua última safra de verão, agora praticamente encerrada.

A semana terminou com o mercado procurando digerir melhor os reais efeitos da trégua comercial entre EUA e China, tomando consciência de que ainda falta muito para o litígio terminar. Portanto, haverá muitas especulações ainda que movimentarão o mercado nas próximas semanas.

Na Argentina, a tonelada FOB de milho inicia este mês de dezembro na média de US\$ 169,00, enquanto no Paraguai a mesma continua em US\$ 115,00.

Já no Brasil, os preços se estabilizaram, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 34,51/saco, ou seja, nove centavos abaixo da média da semana passada. Os lotes, por sua vez, registraram valores entre R\$ 37,00 e R\$ 38,00/saco, mantendo o patamar das últimas semanas. Nas demais praças nacionais, os lotes giraram entre R\$ 19,00/saco em regiões do Nortão do Mato Grosso, até R\$ 38,00/saco em Videira (SC).

Houve maior fluxo de vendas de milho por parte dos produtores da safrinha, particularmente no Sudeste e Centro-Oeste, fato que freou os preços. Além disso, graças a milho procedente de outros Estados, em São Paulo os consumidores conseguiram melhorar seus estoques nas últimas semanas, não participando muito do mercado nesta virada de mês.

Por outro lado, a desvalorização do Real nos últimos dias acabou ajudando a manter os preços e até apontar a possibilidade de novo viés de alta mais adiante, na medida em que a moeda nacional chegou a ser cotada, novamente, em R\$ 3,91 por dólares em alguns momentos desta semana. Isto dá competitividade ao milho na exportação.

Neste contexto, a Sorocabana paulista viu seus preços atingirem a R\$ 35,00/saco, enquanto o referencial Campinas ficou em R\$ 38,50 e R\$ 40,00/saco CIF. No porto de Santos o valor ficou entre R\$ 36,00 e R\$ 36,50/saco.

Outrossim, as exportações ainda não estão respondendo satisfatoriamente, diante das necessidades de escoamento que o país tem. O mês de novembro fechou com um volume vendido de 4 milhões de toneladas, a um preço médio de US\$ 178,10/tonelada.

É bom lembrar que nas próximas semanas a tendência é de lentidão no mercado devido às festas de final de ano. Isso leva a um travamento natural do mercado e dos próprios preços.

Além disso, no primeiro trimestre do ano deverá haver pressão baixista nos preços internos devido a entrada da safra de milho de verão, ao mesmo tempo em que a logística voltará a ser um problema na medida em que o mercado dará prioridade ao escoamento da soja. Assim, a firmeza do mercado neste final de ano está mais centrada na especulação do que na existência de elementos fundamentais que justifiquem preços elevados. Ou seja, em safra de verão normal a tendência, por enquanto, continua sendo de preços pressionados para baixo.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago chegaram a romper o piso dos US\$ 5,00/bushel na última metade do mês de novembro, porém, na virada do mês houve reversão do quadro e o bushel disparou para quase US\$ 5,20 no dia 04/12. Posteriormente, o mesmo recuou, fechando a quinta-feira (06) em US\$ 5,05, contra US\$ 4,96 uma semana antes. A média de novembro ficou em US\$ 5,05, contra US\$ 5,11/bushel em outubro.

Durante a semana o mercado foi pressionado por vendas técnicas, fato que provocou recuos nas cotações, após as altas registradas no dia 04/12. Colaborou para isso as vendas líquidas do cereal, por parte dos EUA, na semana encerrada em 22/11. As mesmas atingiram a 377.100 toneladas, ficando 25% abaixo da média das quatro semanas anteriores.

Essa realidade apagou um pouco o impacto positivo da trégua estabelecida entre EUA e China em sua guerra comercial que já dura 10 meses.

No Mercosul, a tonelada FOB de trigo para exportação fechou a semana mais valorizada, entre US\$ 205,00 e US\$ 215,00 na compra. A safra nova ficou em US\$ 210,00, igualmente na compra.

No Brasil, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 38,98/saco, ganhando 54 centavos por saco em relação à semana anterior. Já os lotes permaneceram em R\$ 45,00/saco. No Paraná, o balcão oscilou entre R\$ 42,00 e R\$ 44,50/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 51,00 e R\$ 54,00/saco. Em Santa Catarina, o balcão se manteve entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 49,50/saco na região de Campos Novos.

Na prática, a colheita de trigo no Brasil está praticamente encerrada, com o Paraná e o Rio Grande do Sul atingindo a 99% de suas áreas no início da corrente semana. A situação geral pouco evoluiu, com a produtividade média ficando abaixo do esperado e muito irregular, conforme as diferentes regiões, assim como a qualidade do produto colhido.

Como há pouca oferta de trigo de qualidade superior, os preços do cereal, especialmente no Paraná, assumem uma tendência de alta, embora os moinhos estejam bem abastecidos, pelo menos neste final de ano. Neste sentido, vale destacar que o trigo importado continua entrando no país, oriundo da Argentina e do Paraguai. Neste último país igualmente houve perdas importantes nas lavouras do cereal.

No Rio Grande do Sul nota-se, por enquanto, que mesmo com o PH 75, não houve redução da qualidade farinácea do trigo já que o mesmo estaria apresentando boa força para expandir a massa (força W). (cf. Safras & Mercado)

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o mercado tritícola brasileiro irá terminar o ano com viés de alta para o produto de qualidade superior, especialmente se forem confirmadas as expectativas de que na Argentina, igualmente, houve perdas nas lavouras, embora o quadro geral seja de uma safra maior do que a do ano anterior.

O quadro de importação de trigo não é positivo neste momento devido as novas desvalorizações do Real, fato que encarece o produto de fora. Este fato, associado à escassez de oferta interna devido a frustração da nova safra, tende a elevar o preço do trigo no início de 2019 no Brasil.

Neste contexto, o volume a ser importado pelo Brasil poderá mesmo atingir a 7 milhões de toneladas neste novo ano comercial 2018/19, iniciado em agosto passado. De fato, entre agosto e outubro (três meses) as importações já haviam somado 1,7 milhão de toneladas, sendo 1,4 milhão oriundas da Argentina. (cf. Safras & Mercado)